



## “FLOR(ES) DE MAIO”: ASSOCIATIVISMO NEGRO, PATRIMÔNIO E DIÁSPORA AFRICANA

*Karina Almeida de Sousa<sup>1</sup>*

*Universidade Federal do Maranhão, Centro de Ciências de Grajaú, Grajaú, MA, Brasil*

**Resumo:** Os Clubes Sociais Negros são interpretados enquanto uma das estratégias de associativismo negro em contextos afro-diaspóricos. Dentre as associações que continuam desenvolvendo atividades, um número significativo tem demandado o reconhecimento do seu patrimônio material e imaterial a partir de (1) demandas pela manutenção da sede; (2) reconhecimento do grupo sobre a relevância dos clubes para a comunidade negra; (3) manutenção da memória da população negra. O artigo analisa as relações entre associativismo negro, as políticas de patrimonialização e diáspora africana partindo da análise do Grêmio Recreativo e Familiar Flor de Maio, buscando estabelecer diálogos com o aspecto educacional e a relevância do clube para a compreensão do associativismo no contexto diaspórico.

**Palavras-Chave:** associativismo negro; clubes sociais negros; diáspora africana; patrimônio

---

<sup>1</sup> Bacharel em Ciências Sociais, com ênfase em Sociologia (2008) pela Universidade Federal de São Carlos, mestra em Sociologia (2012) e doutora em Sociologia (2020) ambos pela mesma universidade. Realizou estágio sanduíche (PDSE-CAPES) desenvolvido junto a Georgia State University (2018-2019). Especialista em Educação e Patrimônio Cultural e Artístico (2019) pela Universidade de Brasília. Atualmente é professora adjunta vinculada ao curso de Licenciatura em Ciências Humanas da Universidade Federal do Maranhão/Campus Grajaú e ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Centro de Ciências Sociais, Saúde e Tecnologia/Imperatriz. É pesquisadora associada a Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS), a Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN). É líder do Grupo de Pesquisa Diáspora Africana e Culturas Afrodiaspóricas e membra do grupo de pesquisa Transnacionalismo Negro e Diáspora Africana (UFSCar) e do GRAFITE- Grupo de Pesquisa sobre Ações Afirmativas e Temas da Educação Básica e Superior (UNEMAT). Tem experiência na área de Sociologia, com ênfase em Sociologia das relações étnico-raciais, transnacionalismo negro, diáspora africana, feminismos negros e educação para as relações étnico-raciais. E-mail: [ka.sousa@ufma.br](mailto:ka.sousa@ufma.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2552-2046>



## “FLOR(ES) DE MAIO”: BLACK ASSOCIATIVISM, HERITAGE AND AFRICAN DIASPORA

**Abstract:** Black Social Clubs (CSN) developed recreational, cultural or charitable activities in favor of black people who achieved a certain social mobility that was not converted into access to goods and services after abolition. Among the associations that continue to develop activities, a significant number have demanded recognition of their material and intangible heritage. CSNs are interpreted as one of the strategies of black associations in Afro-diasporic contexts. Heritage policies, particularly material marriage, mobilized by members and management of CSNs in the south and southeast regions, dialogue with (1) demands for maintaining the headquarters; (2) the group's recognition of the clubs' relevance to the black community; (3) maintenance of the memory of the black population. In this sense, the article seeks to reflect on the relationships between black associations, patrimonialization policies and the African diaspora based on the analysis of a specific case, the Grêmio Recreativo e Familiar Flor de Maio, Flor de Maio, seeking to establish dialogues with the educational aspect performed by the club in line with the club's relevance for understanding associations in the diasporic context.

**Keywords:** black associations; black social clubs; African diaspora; patrimony

## “FLOR(ES) DE MAIO”: ASOCIATIVISMO NEGRO, PATRIMONIO Y DIÁSPORA AFRICANA

**Resumen:** Los Black Social Clubs (CSN) desarrollaron actividades recreativas, culturales o benéficas a favor de personas negras que lograron una cierta movilidad social que no se convirtió en acceso a bienes y servicios después de la abolición. Entre las asociaciones que siguen desarrollando actividades, un número importante ha exigido el reconocimiento de su patrimonio material e inmaterial. Las CSN se interpretan como una de las estrategias de las asociaciones negras en contextos afrodiaspóricos. Las políticas patrimoniales, en particular el matrimonio material, movilizadas por los miembros y directivos de los CSN de las regiones sur y sudeste, dialogan con (1) las demandas de mantenimiento de la sede; (2) el reconocimiento por parte del grupo de la relevancia de los clubes para la comunidad negra; (3) mantenimiento de la memoria de la población negra. En este sentido, el artículo busca reflexionar sobre las relaciones entre las asociaciones negras, las políticas de patrimonialización y la diáspora africana a partir del análisis de un caso específico, el Grêmio Recreativo e Familiar Flor de Maio, Flor de Maio, buscando establecer diálogos con los aspecto educativo realizado por el club en consonancia con la relevancia del club para comprender las asociaciones en el contexto de la diáspora.

**Palabras-clave:** asociaciones negras; clubes sociales negros; diáspora africana; patrimonio

## « FLOR(ES) DE MAIO »: ASSOCIATIVISME NOIR, PATRIMOINE ET DIASPORA AFRICAINE



**Résumé:** Les Clubs sociaux noirs (CSN) développaient des activités récréatives, culturelles ou caritatives en faveur des personnes noires ayant atteint une certaine mobilité sociale qui ne s'est pas transformée en accès aux biens et services après l'abolition. Parmi les associations qui continuent de développer leurs activités, un nombre important a réclamé la reconnaissance de leur patrimoine matériel et immatériel. Les CSN sont interprétés comme l'une des stratégies des associations noires dans les contextes afro-diasporiques. Les politiques patrimoniales, notamment le mariage matériel, mobilisées par les adhérents et les directions des CSN des régions du Sud et du Sud-Est, dialoguent avec (1) les revendications de maintien du siège ; (2) la reconnaissance par le groupe de la pertinence des clubs pour la communauté noire ; (3) entretien de la mémoire de la population noire. En ce sens, l'article cherche à réfléchir sur les relations entre les associations noires, les politiques de patrimonialisation et la diaspora africaine à partir de l'analyse d'un cas spécifique, le Grêmio Recreativo e Familiar Flor de Maio, Flor de Maio, cherchant à établir des dialogues avec les aspect pédagogique réalisé par le club en adéquation avec la pertinence du club pour la compréhension des associations dans le contexte diasporique.

**Mots-clés:** associations noires; clubs sociaux noirs; diaspora africaine; patrimoine

### ASSOCIATIVISMO NEGRO EM DIASPORA

Os Clube Sociais Negros (CSNs) desempenharam um importante papel na construção de formas de sociabilidade no contexto da diáspora africana nas Américas e Caribe. No contexto nacional, esses clubes tiveram sua data de fundação associada ao final do período escravocrata chegando a segunda metade do século XX. A presença dessa forma de associação é para alguns autores “determinante para a permanência socializadora dos afrodescendentes nos territórios urbanos” (BATISTA, 2015, p. 48). De acordo com Escobar, “os [os clubes] surgiram como um contraponto à ordem social vigente, além de constituírem um local de sociabilidade e de lazer para a população negra, que era impedida de frequentar os tradicionais “clubes sociais brancos”” (2010, p. 57).

O Grêmio Recreativo e Familiar Flor de Maio, o Flor de Maio, desenvolveu atividades similares aos demais CSNs do sul e sudeste com enfoque para as atividades recreativas e de ajuda mútua (ESCOBAR, 2010). Dentre as atividades realizadas pelo clube podemos listar os bailes de debutantes, os desfiles de miss, o carnaval e o bloco carnavalesco, além da escola primária<sup>2</sup> e dos bailes dançantes.

---

<sup>2</sup> Aguiar (1998, p. 5) analisou a Ata de 20/07/1934 em que foi registrada a informação sobre o início das aulas no primeiro dia de outubro deste mesmo ano.



As políticas de patrimônio, particularmente de matrimônio material, têm sido constantemente demandadas pelos membros e direções dos CSNs das regiões sul e sudeste. Essas demandas dialogam com (1) demandas pela manutenção da sede; (2) reconhecimento do grupo sobre a relevância dos clubes para a comunidade negra; (3) manutenção da memória da população negra. Nesse sentido, o artigo busca refletir sobre as relações entre associativismo negro, as políticas de patrimonialização e diáspora africana partindo da análise de um caso específico, o Grêmio Recreativo e Familiar Flor de Maio, o Flor de Maio, buscando estabelecer diálogos com o aspecto educacional desempenhado pelo clube em consonância com relevância do clube para a compreensão do associativismo no contexto diaspórico.

O associativismo negro quando analisado a partir do *frame* da diáspora africana guarda similaridades e rupturas com o deslocamento de africanos e seus descendentes, ou seja, pode ser caracterizado por sua multiplicidade, versatilidade e dinamicidade. O surgimento dos CSNs, uma das principais estratégias associativas de afro-brasileiros a partir do século XIX, demonstra que o racismo se configurou de modo bastante específico a partir das dinâmicas históricas, políticas e sociais dos diferentes contextos nacionais. É sabido, por exemplo, que as formas de segregação impostas à América Latina se distinguiram das formas impostas aos Estados Unidos da América<sup>3</sup>, o que nos permite reconhecer, na América Latina, algumas associações<sup>4</sup> que surgiram no bojo de sociedades excludentes e discriminatórias.

Afrodescendentes prósperos no pós-abolição perceberam tal segregação e buscaram meios de integrar os espaços de sociabilidade típicos da classe média branca,

---

<sup>3</sup> Diferentemente dos Estados Unidos da América, durante o regime de segregação racial, em que as divisões pautadas na raça eram públicas e explícitas, o Brasil passou por intensos processos políticos que ora, apontavam para o embranquecimento como alternativa para o processo de modernização nacional (vinda de imigrantes europeus e ausência de políticas públicas destinadas aos negros); ora pautava-se na anulação da discussão racial, considerando-se que esta não se configurava enquanto marcador dos processos de subalternização.

<sup>4</sup> Estas incluíam clubes sociais de elite, como El Progreso (Santiago, Cuba); Club Atenas (Havana), La perla Negra (Santo Domingo), Kósmos (São Paulo) e outras, menos prestigiosas, porém mais numerosas as “sociedades recreativas” (Cuba, Uruguai) e os “clubes de dança” (Brasil); associações atléticas como a Alianza Lima (Lima) e a Associação Atlética São Geraldo (São Paulo), que patrocinavam times de futebol, competições de corrida e outros eventos; e organizações cívicas como a Federação dos Homens de Cor e o Centro Cívico Palmares, no Brasil, e o Directorio Central de las Sociedades de Color em Cuba. No limite entre os níveis inferiores da classe média negra e os níveis superiores do proletariado negro estavam as sociedades de ajuda mútua, como o Centro de Cocheros (Havana), a Sociedade Protetora dos Desvalidos (Salvador) e La Protectora e o Centro Uruguay (Buenos Aires); e na Argentina, em Cuba e no Uruguai (e talvez em outros países, onde a pesquisa extensiva sobre organizações negras da virada do século está por ser feita), uma ativa imprensa negra registrava as atividades desses grupos” (ANDREWS, 2007, p. 160-161).



buscando como estratégia a construção de espaços similares para uma parcela da população negra que estava, em sua maioria, entre a classe média branca e o proletariado negro (organizações sociais e cívicas paralelas as criadas pela classe médica branca) (ANDREWS, 2007, p. 159).

Em uma economia em plena expansão, pautada nas exportações, as ideologias do racismo científico, em voga desde o século XIX, instauravam uma situação bastante contraditória para a população negra que, em alguma medida, conseguia fazer parte do crescimento econômico da época, porém lhes era negado o acesso aos espaços típicos dos sujeitos que ascenderam socialmente. O contexto sócio-histórico e político colocaria fim aos impedimentos formais para a integração da população negra, no entanto, as restrições quanto ao acesso a direitos e bens antes destinados aos "homens livres" trouxeram a reflexão sobre o modelo de participação dos negros na nova organização social. Esse seria o cenário de emergência dos CSNs.

Essas associações buscaram desenvolver atividades recreativas, culturais e beneficentes em prol de negros que não tiveram sua mobilidade econômica no pós-abolição convertida em acesso a bens e serviços, ou seja, tratam-se de “espaços associativos do grupo étnico afro-brasileiro, originários da necessidade de convívio social do grupo, voluntariamente constituído e com caráter beneficente, recreativo e cultural, desenvolvendo atividades num *espaço físico próprio*” (OLIVEIRA *apud* ESCOBAR, 2010, p. 61). Dentre as associações que continuam desenvolvendo atividades, um número significativo tem demandado ao Estado o reconhecimento do seu patrimônio por meio do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e das Secretarias Estaduais e/ou Municipais de Cultura.

De certo modo, refletimos sobre a possibilidade de compreender os clubes enquanto espaços afro-diaspóricos de auto-organização, que para além de figurarem como espaços de sociabilidade e estabelecimentos de formas comunitárias a partir do reconhecimento das barreiras construídas pelo racismo, figuram como espaços de entrelaçamento e produção de sentidos particulares ao mesmo tempo em que remetem a modos de ser e estar da diáspora africana em contextos urbanos.

A diáspora enquanto deslocamentos étnicos, culturais e territoriais transnacionais coloca em questionamento a noção de homogeneidade e delimitação do Estado-Nação. A partir da compreensão de que existem nações dentro de um mesmo Estado, e mesmo comunidades que não reconhecem o Estado, a diáspora amplia as reflexões para além das



fronteiras nacionais traçadas pelo Estado-Nação. Em larga medida essa nova condição de reflexão não apenas questiona a “homogeneidade” linguística, política e cultural, mas também por meio de elementos culturais, religiosos e mesmo étnicos torna possível que se estabeleçam continuidades para além das fronteiras nacionais.

A diáspora africana, segundo Silvério, Santos e Costa tomando Gilroy como referência seria uma estrutura transnacional, elaborada a partir de redes e fluxos culturais globais. Nesse sentido, o transnacionalismo negro impõe para as ciências sociais questionamentos quanto os limites das fronteiras nacionais. Gilroy (1993), segundo os autores, “faz uma crítica às perspectivas etnocêntricas e nacionalistas das ciências sociais e o elemento principal de sua crítica é a contribuição da cultura vernacular negra, especialmente a música” (p. 357, 2020).

A partir desta definição, compreendemos os espaços afro-diaspóricos a partir de duas concepções: (1) espaços permanentes seriam espaços físicos ocupados pela população negra e reconhecidos pela sociedade mais ampla como espacialidades organizadas e frequentadas, senão exclusivamente, majoritariamente por negros/as. Seriam exemplos os Clubes e Sociedades Benéficas Negras. Clubes e Sociedades, foram considerados, no momento da fundação como espaços de encontro de negros/as nas comunidades locais- como o bairro a cidade e/ou as regiões circunvizinhas. Cabe destacar que esses espaços foram reconhecidos, legitimados e afirmados como locais de encontro e estabelecimento de relações políticas, sociais e culturais entre negros e negras.

Enquanto em um primeiro exercício de reflexão a noção de espaço permanente está circunscrita em um espaço físico determinado como um território ocupado por negros/as, há uma segunda dimensão do termo, que se refere aos espaços ocasionais (2), como feiras negras, encontros, Bailes *Black*, bailes charme, bailes de samba rock e rodas de samba, por exemplo. Nesses espaços configuram-se pela ocupação contextual para a realização dos eventos supracitados, o que transformaria espaços em espaços afro-diaspóricos. Não seria, para tanto, a mobilidade dos espaços, mas dos sujeitos frequentadores que permitiria que o espaço viesse a ser considerado ocasional. Trata-se, por exemplo, de um Baile Black que ocorra em um Clube Militar, ou seja, o espaço é reconhecido como um espaço de socialização de militares, no entanto, naquele momento recebe uma nova configuração e significado, transformando-se em um espaço de sociabilidade afro-diaspórica, se não exclusivamente negro, regido pelas relações e dinâmicas da cultura afro-diaspórica.



## **PATRIMÔNIOS E MEMÓRIAS DOS CLUBES SOCIAIS NEGROS**

Os clubes respondem as restrições dos negros, agora trabalhadores livres e que gozavam de certa mobilidade econômica, para acessar espaços anteriormente destinados apenas aos homens livres, leia-se homens brancos. Os CSNs surgem, portanto, como uma alternativa tanto de lazer quanto do fazer político. Existe, portanto, uma especificidade em torno do debate sobre as comunidades formadas muitas vezes pela exclusão em relação a ocupação das áreas nobres das cidades, criando formas específicas de sociabilidade nos centros urbanos. Pereira, sobre o centro cívico Cruz e Souza, localizado na cidade de Lages, Santa Catarina, traduz a afirmação realizada e acrescenta novas questões.

São os membros destas mesmas elites que fundam os jornais, criam grupos e espaços de lazer tais como blocos carnavalescos, grupos teatrais, fundações beneficentes e os famosos clubes sociais, onde a população negra era impedida de frequentar, como citado anteriormente, o objetivo das elites era se afastar de manifestações culturais públicas, e uma vez em espaços privados, valer-se da imprensa, para dar visibilidade pública às suas pretensões socioculturais e políticas (PEREIRA, 2013, p. 22).

O autor reafirma o impedimento da população negra em frequentar os clubes de elite, assim como o fazem Domingues (2004, 2007, 2008), Escobar (2010), Giacomini (2006), Andrews (2004), entre outros autores, e destaca a importância da imprensa para a divulgação dos eventos realizados nos clubes. O baile aparece como alternativa desta sociabilidade, além de estratégia de sobrevivência de músicos e dos próprios clubes. A dinâmica do Clube Sociedade Floresta Aurora indicou que o clube prestava assistência aos associados de baixa renda inclusive com auxílio funeral, sendo que “os bailes, festas jovens e carnaval, carnaval infantil, baile do chope, atividades esportivas, além das apresentações culturais eram destaques nas atividades mais procuradas” (BATISTA, 2015, p. 130).

Mesmo os bailes com características menos formais (essas características podem ser elencadas a partir das estratégias de divulgação utilizadas, do local de realização do evento, do perfil do público, e das indumentárias), ainda assim, nota-se um determinado preciosismo e atenção aos trajes e comportamentos. Retomando as análises de Batista, exemplificamos “No auge, porém, os badalados bailes [organizados pela Sociedade Beneficente 13 de Maio] eram disputadíssimos com assédio de caravanas de todas as



partes. O traje a rigor impecável era imperativo para o acesso ao recinto. Casa e mesas lotadas” (BATISTA, 2015, p. 145).

A constituição de um espaço de sociabilidade atravessado pelo baile, em associações que à primeira vista pareciam ser “só para bailes” não dissociou os eventos da ação política. Como já mencionamos, houve divergências na compreensão do papel desempenhado pelos Clubes até mesmo internamente ao Movimento Negro. Para alguns militantes, esses estavam atrelados a despolitização. No entanto, defendemos a fundamental contribuição dessas associações para a população negra. Como afirma Escobar (2010, p. 77), que paulatinamente se afirmavam como uma “raça” com capacidade de organizar e construir espaços de poder.

A rearticulação dos Clubes e Sociedades Negras, marcada pelos dois encontros nacionais<sup>5</sup> e em especial pela publicação da Carta de Santa Maria (2006)<sup>6</sup>, contribuiu para a análise do contexto de formação, da tipologia das atividades desenvolvidas e para a organização das demandas por patrimônio (material e imaterial)<sup>7</sup> dos clubes. Associado ao contexto descrito somam-se a emergência de uma série de trabalhos (dissertações, teses e artigos)<sup>8</sup> que visam analisar sob diversos aspectos, os Clubes e Sociedades Negras no Brasil.

Ao reconhecer os bens de natureza imaterial, a Constituição de 1988, a Constituição Cidadã, amplia compor o *hall* de bens passíveis de reconhecimento pelo IPHAN. Como nos remete o texto constitucional “Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira” (BRASIL, 1988). Essa alteração representa uma

---

<sup>5</sup> No ano de 2006 o Movimento Clubista juntamente com outras representações da cultura afro-brasileira-remanescentes de quilombos, religiosidade (terreiros) e grupos de afro-axé e samba- organizou o I Encontro Nacional de Clubes e Sociedade Negras em Santa Maria/RS. No encontro foi redigida a Carta de Santa Maria. O II Encontro Nacional de Clubes Negros ocorreu na cidade de Sabará/MG, no ano de 2010. E produziu como documento final a *Carta de Sabará* documento teve como objetivo apresentar as demandas do Movimento Clubista daquele momento.

<sup>6</sup> A *Carta de Santa Maria* consiste no documento produzido durante o I Encontro de Clubes Sociais Negros no Brasil, a partir das demandas apresentadas pelo movimento clubista e intelectuais presentes. Segundo a Carta de Santa Maria estiveram presentes cerca de 300 participantes de 53 clubes negros do Rio Grande do Sul, e 14 de outros estados entre eles São Paulo, Santa Catarina, Minas Gerais, Bahia, Rio de Janeiro.

<sup>7</sup> A partir da Constituição Federal de 1988, nos Artigos nº 215 e nº 216, a noção de patrimônio foi expandida passando a reconhecer os bens culturais de natureza imaterial e material, além de estabelecer formas de proteção a edificações, paisagens, conjuntos históricos e urbanos, reconhece os bens culturais imateriais enquanto manifestações de saberes, ofícios, modos de fazer, celebrações, formas de expressão (plásticas, cênicas, musicais) e, ainda por lugares, como, feiras, mercados, santuários.

<sup>8</sup> Sobre pesquisas relacionadas aos Clubes e Sociedades Negras indica-se a leitura das seguintes referências: ESCOBAR, 2010; HERMANN, 2011, JESUS, 2005; SILVA, 2011, DOMINGUES, 2010.





inflexão nas políticas de patrimônio, antes restritas aos bens materiais, que em sua grande maioria representavam a presença de grupo hegemônicos na sociedade brasileira (PEREIRA, 2015, p. 401). A alteração das políticas de patrimônio influenciou nos parâmetros de reconhecimento em relação à contribuição dos diferentes grupos étnicos para a construção do Estado-Nacional, tanto em seus aspectos formais quanto simbólicos.

O movimento clubista apresentou o reconhecimento dos CSNs como patrimônio imaterial e material, expondo um importante debate sobre a questão. O movimento apresentou já na Carta de Santa Maria a demanda por este reconhecimento. Escobar ao referenciar Garbinatto (2010, p. 81), destaca

patrimônio é uma construção social coletiva, revestido por redes de significados e inclui relações de poder intrínsecas à própria construção de patrimônio. Pertence a todos e todos os cidadãos devem ter o direito e dever de preservá-lo, como possibilidades de resgate de sua identidade social (dentro de sua comunidade de origem) e individual (frente a frente consigo mesmo no espelho de sua alma).

Os conflitos e interesses envolvidos nos processos de tombamento levariam, em alguns casos, a coisificação do bem a ser tombado. De acordo Veloso (2007), o patrimônio cultural tanto o material quanto o imaterial, extraem sua singularidade por expressarem marcas de distinção que remetem a situações específicas vividas por uma determinada comunidade. Essas marcas de distinção no capitalismo transformariam em mercadoria não apenas os bens materiais, dos quais se aplica a força de trabalho, mas também o incomensurável, marcado pela monetarização de bens e patrimônios.

A expansão da monetarização, voltada a dimensão exploração capitalista, pode acender um sinal de alerta para conflitos e interesses relacionados aos processos de tombamento como pode também deslocar a contribuição dos clubes à história oficial do país. E, além disso da construção de inúmeras formas de agência coletiva negra por meio de suas práticas culturais e associativas na construção de sociabilidade, sobrevivência e experiências afro-diaspórica em contextos de exclusão, apagamento e violência.

Ao ser tombada, ou seja, reconhecida como patrimônio municipal, estadual, federal ou mundial um bem ou uma prática tem a ele atribuído outro valor em relação àqueles que não passaram pelo mesmo processo. Assim, cabe a pergunta “Qual o lugar



do patrimônio afro-diaspórico na sociedade brasileira?” Partindo dessa interrogação analisamos os sentidos e significados ao tombamento<sup>9</sup> do “Flor de Maio<sup>10</sup>”.

O número de sociedades e clubes em atividade sofreu um decréscimo por diversos motivos, desde dívidas relacionadas a questões trabalhistas, passando pela manutenção dos espaços, dificuldade em construir identificação com os membros mais jovens e até mesmo sob ações de apropriação privada de bens e créditos pertencentes aos clubes, inviabilizando assim a manutenção das sedes. Nos clubes em atividade, a demanda pelo reconhecimento tem sido crescente, inclusive como estratégias para a manutenção material de diversos clubes.

O reconhecimento das sedes sociais enquanto patrimônio material vincula-se as demandas pelo reconhecimento das práticas culturais nelas desenvolvidas. Cabe destacar que o reconhecimento dos clubes marca a importância dos espaços para a memória social de uma comunidade, no caso, os espaços- as sedes dos CSNs- registram a presença e as práticas da população negra no espaço urbano, modelando a agência negra enquanto uma agência político-cultural coletiva.

Segundo Gilroy (2012), o debate sobre a diáspora pautado nas comunidades de sentimento e de interpretação, tem a capacidade de redimensionar a tradição a partir do questionamento da própria dimensão da modernidade. Nesse sentido, entre o passado imemorial e um presente “conhecido” a retomada da interpretação da história a partir das tensões inerentes à diáspora africana constituem uma mudança no ordenamento temporal de uma política negra moderna. Nessa mudança, espaço e tempo passam então a ser considerados em relação. Tradição, modernidade, temporalidade e memória social passam, tão logo a ser revisitados na política negra moderna. A tradição da diáspora africana articula a dimensão de uma memória viva e experienciada, ou seja,

O contar e o recontar dessas histórias desempenha um papel especial, organizando socialmente a consciência do grupo “racial” e afetando o importante equilíbrio entre atividade interna e externa-as diferentes práticas, cognitivas,

---

<sup>9</sup> De acordo com o Conselho Municipal de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico e Ambiental de São Carlos, o Grêmio Recreativo e Familiar Flor de Maio o tombamento do clube resulta da “importância para preservação da história material e cultural da população afro descendente são-carlense que tanto contribui e ainda contribui para o desenvolvimento da cidade”. O Clube teve sua fachada, o piso interno e o mezanino tombadas, tornando-se assim o primeiro clube social negro a alcançar esse reconhecimento no estado de São Paulo. Sobre o tombamento verificar Publicação do Diário Oficial: 19 de novembro de 2011, retificada em 16 de dezembro de 2011 e Resolução Tombamento: Resolução nº 07 de 09 de novembro de 2011.

<sup>10</sup> O “Flor de Maio” está localizado na cidade de São Carlos<sup>10</sup>, no interior do estado de São Paulo, foi fundado em 04 de maio de 1928 exclusivamente por negros funcionários da Companhia Paulista (Fepasa)<sup>10</sup>.



habituais e performativas, necessárias para inventar, manter e renovar a identidade (GILROY, p.371, 2012).

Os clubes representam, por um lado, espaços de memória, ambientes que trazem ao mesmo tempo memórias individuais e coletivas (HALBWACHS, p. 157, 2003). O tombamento das sedes, como no caso do Grêmio Recreativo e Familiar Flor de Maio, demanda a manutenção de uma estrutura física frente a dívidas e a dimensão de um patrimônio econômico, até mesmo porque os clubes não possuem um proprietário, pertencem a comunidade negra. A responsabilidade administrativa e financeira dos clubes recai sobre uma diretoria e sua presidência, eleitas pelos membros. As sedes sociais constituem-se como espaços de memória de um grupo no interior de uma comunidade. Trazem a marca de um grupo ao mesmo tempo em que recordam costumes e dinâmicas deste mesmo grupo no passado (HALBWACHS, p. 157-158, 2003).

Segundo informações do Portal Brasil, um mapeamento dos clubes<sup>11</sup> foi realizado pelo IPHAN, SEPPIR e Fundação Cultural Palmares (FCP), por meio de um acordo de cooperação técnica. A finalidade era o conhecimento da história negra, bem como o reconhecimento das associações com vistas ao cumprimento da Lei 10.639/03. O mapeamento teve ainda a finalidade de facilitar as ações voltadas a manutenção da memória destas entidades<sup>12</sup> por meio da manutenção dos espaços físicos. A memória aqui pressupõe um espaço. Um espaço pensado a partir das práticas a ele referenciadas. No caso dos CSNs, destacam-se os bailes dançantes, desfiles de miss, blocos carnavalescos e escolas primárias como referências das dinâmicas culturais e políticas construídas a partir e nesses espaços.

### **“FLOR DE MAIO”: TENSÕES E NEGOCIAÇÕES EM TORNO DO PATRIMÔNIO**

A sede atual do Grêmio Recreativo e Familiar Flor de Maio foi construída em regime de mutirão em um terreno doado pela prefeitura da cidade de São Carlos/SP. De

---

<sup>11</sup> De acordo com as informações publicadas na página oficial da SEPPIR serão realizadas entrevistas com representantes dos clubes para reunir informações sobre a situação dos locais, os sentidos e significados atribuídos a eles, suas áreas de atividades, histórico de atuação, entre outros temas. O IPHAN tem interesse na realização desse mapeamento devido à solicitação de Registro dos Clubes Sociais Negros do Brasil. Pedido entregue ao Instituto em 2009 pela Comissão Nacional de Clubes Sociais Negros – criada no I Encontro Nacional de Clubes e Sociedades Negras.

<sup>12</sup> Segundo o ex-ministro da SEPPIR<sup>12</sup>, Edson Santos, “A existência de Clubes Sociais Negros é a prova da existência da segregação no período posterior à abolição. O papel da SEPPIR é articular a recuperação da história dessas agremiações, promover a recuperação do seu patrimônio e dialogar com os clubes com o objetivo de dotá-los de sustentabilidade, sem traço paternalista do Estado”.



acordo com Aguiar (1998, p. 50), a construção da sede exigiu sacrifícios relacionados principalmente a questões financeiras<sup>13</sup>. Questões essas que acompanham a trajetória do clube até a atualidade. O autor informa que os atrasos e a inadimplência no pagamento das mensalidades representavam um dos obstáculos para a concretização da sede. Entre 1948 e 1952, segundo as atas analisadas pelo pesquisador, repetem-se nas assembleias, os apelos para que se concretize a construção da sede própria. Ao que parece a inauguração da sede atual ocorreu em 09 de março de 1953, quando esta passa a constar nas atas das reuniões do clube como endereço atual da entidade.

A educação tem sido um tema recorrente e frequente entre as diversas entidades e organizações da população negra. Essa preocupação estava incorporada também entre a diretoria e sócios do Flor de Maio tendo constituído um terreno fértil para a criação da escola primária no ano de 1934. Segundo Aguiar (1998, p. 53) em uma ata de 24/01/1936 é possível localizar a leitura de um ofício enviado pela prefeitura do município nomeando um professor para o curso noturno. As datas exatas de abertura e fechamento da escola, bem como as razões para seu fechamento permanecem uma incógnita em vários dos documentos referenciados por esta pesquisa. No depoimento de uma ex-professora, Dona Gabriela Zanollo, é possível saber que a escola começou a funcionar em 1937, ano em essa professora foi nomeada para a escola.

[A escola do Flor de Maio] foi uma escola muito boa, eu gostei demais, a gente boa, eles varriam aquela sala, deixavam tudo na perfeição, tratavam de tudo. Foi muito bom...eram uns 38, mais ou menos, era uma de manhã e uma à tarde. O Flor de Maio que dava a sala para nós, de graça. A prefeitura não pagava, eles davam de graça e punham as professoras lá. Então a gente arrebanhava todas aquelas crianças da redondeza e nós ensinávamos.

Dentre outras atividades de cunho educativo realizadas no Flor de Maio localizamos a realização de um ciclo de conferências sobre a situação dos negros na sociedade brasileira. Três temas foram propostos: 1) Transição de escravo a cidadão; 2) Marginalização do negro no mercado de trabalho; 3) A situação da mulher negra. Essas atividades contrastam diferentemente com estereótipos que atribuíram a estas atividades papéis recreativos desvinculados dos aspectos políticos.

---

<sup>13</sup> Entrevistas, acesso ao documentário “Flores de Maio: Histórias da Comunidade Negra em São Carlos”, aprofundamento bibliográfica a partir das produções realizadas sobre o clube<sup>13</sup> e a inserção no clube contribuíram para a compreensão do contexto e das dinâmicas da fundação, funcionamento e das relações com o tombamento na atualidade e ainda de algumas referências importantes ao período posterior a sua fundação.



A sede também foi palco de animados bailes carnavalescos, como poderemos observar a partir da figura abaixo. Os bailes, assim como o Bloco Carnavalesco do Flor de Maio tinham a frente uma figura de grande reconhecimento na região- Odette dos Santos<sup>14</sup>. Odette foi a primeira rainha do clube, tendo fundado sua própria escola de samba. A escola fundada por Odette marcou época nos desfiles do município passando a ser reconhecida como principal carnavalesca são-carlense, recebendo o título de “Dama do Samba” e “Madrinha dos sambistas e escolas de samba de São Carlos”. Bailes com personalidades da música negra brasileira como Jair Rodrigues, Leci Brandão e Zeca Pagodinho também embalaram os dias áureos do clube. Esses eventos são constantemente lembrados por seus sócios e estão registrados na história da cidade.

---

14 Centro Municipal de Cultura Afro-Brasileira “Odette dos Santos” foi inaugurado em novembro de 2006 durante as atividades do mês da Consciência Negra. O Centro é um novo equipamento cultural aberto à comunidade, que oferece cursos, palestras e outras atividades relacionadas à arte e cultura. Projetado para atender a diversidade artística e cultural de São Carlos, o Centro de Cultura possui espaços temáticos onde são desenvolvidas ações e projetos como a Sala de Africanidades, o Espaço Hip-Hop e a Sala Expositiva de Artes. O Centro também é dotado de auditório, sala de audiovisual e sala de dança onde é desenvolvido o Projeto Dançar. O Centro é uma parceria com o Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da UFSCar, e homenageia uma importante figura do movimento negro de São Carlos, Odette dos Santos, conhecida como “dama do samba”. Fonte: <http://www.saocarlos.sp.gov.br/index.php/cultura/115304-centro-municipal-de-cultura-afro-brasileira.html> acesso em 10/03/2024

**Figura 1:** Bailes de Carnaval Grêmio Recreativo e Familiar Flor de Maio

*Fonte:* Acervo do Grêmio Recreativo e Familiar Flor de Maio, 1956



**Figura 2:** Personalidades da música brasileira no Grêmio Recreativo e Familiar Flor de Maio

*Fonte:* acervo do Grêmio Recreativo e Familiar Flor de Maio, s/d.

Entre as inúmeras trocas de diretoria e até mesmo a diminuição de atividades recreativas e culturais, o clube se mantém e a comunidade negra que se identifica no e com o clube busca estratégias das mais diversas para garantir a manutenção do clube como sede do associativismo negro em São Carlos. Uma das entrevistas realizadas por Aguiar (2007), ao expor a dinâmica de formação do clube, permite-nos compreender a relevância da manutenção do espaço como um espaço negro na região:

Foi exatamente a 4 de maio de 1928 que foi fundado o Grêmio Recreativo Familiar Beneficente Flor de Maio. Homens e mulheres do povo queriam se organizar, ter o seu local de lazer, centro social que os reunisse, *território somente deles*. Ali fariam as suas festas, comemorariam suas alegrias, mas também, compartilhariam em comum agruras e tristezas (AGUIAR, 2007, p. 93). (Grifo nosso)

O depoimento de um dos membros expõe que a demanda pelo tombamento teve início a partir da preocupação de membros e da diretoria com o endividamento contraído pelo clube junto a prefeitura do município referente ao pagamento das taxas referentes ao Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU),



[...]teve um encontro em Araraquara de Clubes Negros e minha irmã fazia parte da comissão do Flor de Maio, porque ela era diretora. Ela chegava preocupada[...] porque a dívida estava alta com a prefeitura. [...]conversei com a Petronilha e ela disse para procurar o pessoal de São Paulo[...] aí me veio na cabeça a Leci Brandão[...].

A fachada, o mezanino e o piso do Flor de Maio foram tombados pelo Conselho Municipal de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico e Ambiental de São Carlos da Prefeitura Municipal da cidade de São Carlos no ano de 2011. O tombamento resulta da organização da comunidade negra são-carlense representada pelo presidente do clube, Márcio Pires e por vereadores do município, coadunando com as demandas construídas nos encontros do movimento clubista. O Grêmio Recreativo e Familiar Flor de Maio foi o primeiro clube do Estado de São Paulo a ser tombado.

**Figura 3:** Cerimônia de anúncio do Tombamento do Grêmio Recreativo e Familiar Flor de Maio na sede do Clube



*Fonte:* Prefeitura Municipal de São Carlos, 2011.



Segundo a direção do Flor de Maio, o tombamento no âmbito municipal<sup>15</sup> trouxe dimensões positivas relacionadas a garantia de manutenção da sede<sup>16</sup>, o reconhecimento da memória e resguardo da história e importância do espaço para a comunidade negra do Estado de São Paulo, e, particularmente da cidade de São Carlos. Além desses pontos, existe certa expectativa em relação ao processo de tombamento na instância estadual<sup>17</sup> e pela efetivação de medidas de manutenção e restauro do edifício pelo município.

Os CSNs, enquanto espaços de sociabilidade afrodiáspórica, forjaram elementos essenciais para os processos de identificação e sociabilidade dos negros. De acordo com Halbwachs (2003, p. 159-160), os locais recebem a marca dos grupos que nele ocupam e vice e versa, tanto as ações dos grupos podem ser traduzidas em referência ao espaço como o espaço ocupado pelo grupo só alcança seu significado com a reunião de todos os termos. O autor segue afirmando

Se, entre as casas, as ruas e os grupos de seus habitantes houvesse apenas uma relação muito acidental e de curta duração, os homens poderiam destruir suas casas e o bairro, sua cidade, e reconstruir em cima, no mesmo local, uma outra cidade, seguindo um plano diferente- mas as pedras se deixam transportar, não é muito fácil modificar as relações que se estabelecem entre as pedras e os homens. [...] os grupos resistirão e, neles, você irá deparar com a resistência, se não das pedras, pelo menos de seus arranjos antigos (HALBWACHS, 2003, p. 163)

Logo, não podemos pensar na constituição de uma memória coletiva que não faça referência a um espaço. Para Halbwachs (p. 170, 2003), “(...) nossas impressões se

---

<sup>15</sup> O reconhecimento do “Flor de Maio” como patrimônio material e cultural no nível municipal ocorreu em 2011, pelo então prefeito Oswaldo Barba. Naquela ocasião o Conselho Municipal de Defesa do Patrimônio Histórico e Artístico de São Carlos (COMDEPHAASC) considerou o clube como patrimônio histórico e cultural do município. O clube social negro de São Carlos foi o primeiro do Estado a ser tombado. No ano de 2014 o Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico (Condephaat) aprovou por unanimidade a abertura de estudos para o tombamento do “Flor de Maio” e de outros dois clubes do interior do estado, o Clube 13 de Maio, localizado no município de Piracicaba e o Clube Beneficente Cultural e Recreativo 28 de setembro, no município de Jundiá. Seguem reportagens sobre os temas: <http://www.saocarlos.sp.gov.br/index.php/noticias-2011/160865-barba-anuncia-tombamento-do-flor-de-maio-unico-clube-social-negro-de-sao-carlos.html>, [http://www.saci.ufscar.br/data/clipping/imagens/30233\\_00.jpg](http://www.saci.ufscar.br/data/clipping/imagens/30233_00.jpg) acesso em 30 de agosto de 2017.

<sup>16</sup> O terreno onde atualmente está localizado o clube foi doado, por lei, pela Câmara Municipal de São Carlos e a construção da sede realizada pelos próprios membros em regime de mutirão durante os finais de semana. De acordo com Aguiar (2007, p. 94) entre 1948 e 1952, nas assembleias, repetem-se apelos para que se concretize o ideal de uma sede própria. Pelos registros presentes nas atas não foi possível determinar a data exata de inauguração da nova sede: apenas pôde-se verificar que só a partir de 9 de março de 1953 começou a aparecer naquelas atas o endereço atual da entidade.

<sup>17</sup> O clube compõe, junto a Sociedade Beneficente 13 de Maio de Piracicaba e o Clube Beneficente Cultural e Recreativo 28 de Setembro de Jundiá, a lista dos CSNs do estado de São Paulo que tiveram seus processos de tombamento abertos pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado (Condephaat).





sucedem umas às outras, nada permanece em nosso espírito e não compreenderíamos que seja possível retomar o passado se ele não estivesse conservado no ambiente material que nos circunda.” Os CSNs não apenas retomam a um passado longínquo, mas também remontam a memória de períodos áureos em que a comunidade negra construiu o que viria a ser o “seu lugar”, agora não mais inferiorizado, subalternizado, mas afirmado e reconhecido por membros da comunidade e não membros. Partindo de Gilroy (2012), podemos afirmar que remontam uma memória viva como uma espacialidade reconhecida como parte de uma comunidade, de uma história marcada pela associação como resistência e agência criativa negra.

O distanciamento da comunidade negra em relação ao clube foi um dos elementos que indicou o fato de que os Clubes, mais do que espaços físicos ocupados outrora pela comunidade negra, reinscrevem práticas significativas para esta comunidade, assim sendo, quando essas práticas deixam de existir o clube perde sua centralidade como espaços de constituição de sociabilidades.

O tombamento foi interpretado pelos membros da comunidade negra enquanto uma ferramenta de negociação junto a atual diretoria visando a retomada das práticas culturais nas quais essa mesma comunidade se reconhece, como, por exemplo, palestras sobre as questões étnico-raciais, reuniões de grupos de estudos, rodas de samba, pagode e eventos de samba-rock e *Soul Music*. Frequentemente, o tombamento foi retomado por membros da comunidade como central manutenção do vínculo da sede com atividades culturais negras. O reconhecimento do patrimônio material é recorrentemente lembrado por aqueles que apresentam demandas à direção para realização de atividades vinculadas as práticas culturais negras e enquanto garantia de que as sucessivas reformas não alterem a estruturada da sede ou que ela seja comercializada.

Como anunciado, o Flor de Maio é hoje centro de disputas e negociações entre sua atual presidência e parte de sua diretoria e a comunidade negra local. Enquanto, por um lado, a direção indica a desorganização e o esvaziamento da comunidade negra em relação as atividades realizadas pelo clube, por outro, esta comunidade demanda maior autonomia e participação nas decisões do clube e a realização de bailes e festas. Segundo a direção, a incapacidade de organização desta comunidade para a realização de eventos foi expressa em diversas situações, enquanto para àqueles o esvaziamento se deve à ausência de reconhecimento em relação a formas e atividades organizadas pelo clube.



A partir do reconhecimento da sede como patrimônio material vinculado a população negra de São Carlos, um grupo que se autodenomina “Amigos do Flor de Maio” realizou uma série de reuniões durante os anos de 2017 e 2018 para discutir o futuro do clube e como a comunidade poderia se reaproximar do mesmo. As questões centrais reiteradas pelo grupo foram: 1) renovação da diretoria; 2) adesão como sócios; 3) realização de eventos direcionados a comunidade negra; 4) apresentação do balanço financeiro do clube; 5) apresentação das dívidas contraídas pelo clube.

O Grêmio Recreativo e Familiar Flor de Maio teve seu patrimônio material tombado, como descrito, todavia o processo de reconhecimento do valor histórico e arquitetônico do prédio vincula-se diretamente as atividades realizadas em seu interior. O modo pelo qual o prédio foi ocupado, ou seja, sua função social, atribui um valor imaterial ao patrimônio material. É sobre esse valor imaterial, não tombado, que parte da comunidade negra tem demandado maior participação nas instâncias decisórias e na definição das atividades realizadas pelo clube. Desse modo, o tombamento influenciou na garantia de um espaço de negociação entre a comunidade negra e a direção do clube.

A existência de espaços de socialização voltados a população negra foi fundamental enquanto forma de resistência frente as dimensões materiais e simbólicas da memória social enquanto estratégias de enfrentamento ao racismo e a produção de formas específicas de ser e estar “comunidades diaspóricas”. A desarticulação das atividades vinculadas a cultura negra, somada a mercantilização de muitos desses elementos, como por exemplo, o próprio Samba e o Samba-Rock produziram como efeito o embranquecimento das atividades e dos sócios. No entanto, a presença de negros e negras demarca um espaço de resistência e produção afro-diaspórica nos CSNs.

Hoje, como uma referência nacional, o clube que abrigou desde uma escola para alfabetização de negros e brancos, a reuniões deliberativas para a comunidade, até grandes eventos como bailes com personalidades da música negra brasileira, como Jair Rodrigues e Leci Brandão, entre as inúmeras trocas de diretoria e até mesmo a diminuição de atividades recreativas e culturais inerentes ao grupo, se mantém em pé e a comunidade negra que se identifica no e com o Flor de Maio busca estratégias das mais diversas matrizes para garantir sua manutenção física e simbólica.



## **PATRIMÔNIO E DIÁSPORA AFRICANA: CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

### **(PARA CONCLUIR)**

As políticas de patrimônio emergiram no momento da construção de uma identidade moderna para a nação indicando o lugar e os papéis desempenhados, historicamente, por essas políticas junto a construção de uma identidade nacional homogênea e mestiça. O próprio surgimento do IPHAN está embebido no contexto da “modernização” do Estado Nacional e de sua concomitante necessidade de rearranjo aos moldes civilizatórios impostos pelo sistema colonial.

Reconhecer um bem ou uma prática como patrimônio municipal, estadual ou nacional requer, primeiramente, que se reconheçam os produtores, ocupantes ou praticantes como sujeitos de direito, não apenas ao nível legal, mas que sejam reconhecidos enquanto constituintes e contribuintes para a efetivação dos modelos civilizatórios. Determinados grupos não alcançam essa dimensão, ou seja, não há reciprocidade quanto ao reconhecimento do impacto e da relevância desses espaços e/ou práticas para a constituição de outros modelos civilizatórios. A modernidade nesses moldes pode significar o filtro da história. Filtro no sentido de reconhecer a história de alguns grupos ou coletivos e negar essa possibilidade a outros.

O associativismo negro relaciona-se a formas de organização de negras e negras em diáspora a partir da produção de histórias, de práticas e de saberes. A afirmação positiva da história, o reconhecimento das contribuições e a valorização da história e da cultura africana e afro-brasileira são os pilares das políticas afirmativas no Brasil atual. Assim sendo, refletir sobre o tombamento da sede do Grêmio Recreativo e Familiar Flor de possibilita diálogos com as políticas de ação afirmativas.

Os processos de tombamento envolvem sujeitos e suas trajetórias. Ao mesmo tempo os clubes, mesmo quanto reconhecidos como patrimônio de toda a sociedade, guardam vínculos mais estreitos com os membros da comunidade negra local e regional. Essa configuração tão específica remonta aos próprios formas de ser e estar em diáspora. O tombamento insere novas questões a uma dinâmica que já guarda em si sua própria complexidade. Visto como positivo pela grande maioria da comunidade, o tombamento transforma-se na garantia de que os membros se rearticulem com o objetivo de retomar aos tempos áureos do Flor de Maio. Por outro lado, o tombamento, no caso do clube também gera certo temor quanto aos poderes que a prefeitura pode exercer sobre o bem.



O próprio processo é educativo em si, ou seja, a dimensão política dos conflitos e dos consensos atravessa o debate sobre tombamento.

O Grêmio Recreativo e Familiar Flor de Maio representa a história e a organização da população negra da cidade de São Carlos que fora privada do acesso e do reconhecimento, mesmo quando essa alcançou determinado status econômico e social. A sede e as memórias relacionadas a ela representam a agência coletiva frente a interdição do reconhecimento da sua humanidade e da reconstrução da sua história e cidadania.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Marcio Mucedula. Os clubes Negros e seu papel na constituição da identidade e movimento negro: a história do Grêmio Recreativo e Familiar Flor de Maio em São Carlos-SP. *InterAÇÕES- Cultura e Comuidade/v.2. n.2 p. 91-105/ 2007.*

ALMEIDA, Marco Antonio Bettine de; SANCHEZ, Livia Pizauro. Implementação da Lei 10.639/2003 - competências, habilidades e pesquisas para a transformação social. *Pro-Posições*, Campinas, v.28, n.1, p.55-80, Apr. 2017 Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010373072017000100055&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010373072017000100055&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 17 Jan. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/1980-6248-2015-0141>.

ANDREWS, G. "Uma transfusão de Sangue Melhor": O branqueamento, 1880-1930. América Afro-Latina:1800-2000. São Paulo: *EDUFSCar*, 2007.

BARATA, C. G. C. B. A diversidade em perspectiva educacional: formação de educadores, patrimônio e identidades. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, [S. 1.], v. 7, n. 16, p. 318–323, 2015. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/111>. Acesso em: 12 mar. 2024.

BASTIDE, R.; FERNANDES, F. Bancos e Negros em São Paulo: ensaio sociológico sobre aspectos da formação, manifestações atuais e efeitos do preconceito de cor na sociedade paulistana. São Paulo: *Global*, 2008.

BRAGA, A. História da beleza negra no Brasil: discurso, corpos e práticas. São Carlos: *EDUFSCar*, 2015.

BRASIL. Edital de Mapeamento dos Clubes Sociais Negros. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/cultura/2014/03/clubes-sociais-negros-serao-mapeados-em-todo-o-pais>> Acesso em 31 de agosto de 2015.

\_\_\_\_\_. Entrevista Ministro SEPPPIR. Disponível em: <<http://www.sepppir.gov.br>> Acesso em 31 de agosto de 2015.

BENJAMIN, W. Experiência e Pobreza e O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In. Walter Benjamin. Obras Escolhidas. Magia e Técnica, Arte e Política. São Paulo: *Brasiliense*, 1994.

DIWAN, P. Raça Pura: uma história da eugenia no Brasil e no Mundo. São Paulo: *Contexto*, 2007.

DOMINGUES, P. Esses intemoratos homens de cor: o associativismo negro em Rio Claro (SP) no pós-abolição. *Revista História Social*, nº 19, p. 109-134, segundo semestre de 2010.

\_\_\_\_\_. Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos. *Tempo*, Niterói, v. 12, n. 23, p. 100-122, 2007.

\_\_\_\_\_. Cidadania por um fio: o associativismo negro no Rio de Janeiro (1888-1930). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 34, nº 67, p. 251-281, 2014.

ESCOBAR, G. *Clubes Sociais Negros: lugares de memória, resistência negra, patrimônio e potencial*. 2010. 205f. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural) - Programa de Pós-Graduação Profissionalizante em Patrimônio Cultural. Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria/RS, 2010.

\_\_\_\_\_. Museu Treze de Maio e as Políticas Públicas a favor da Preservação da Memória e Salvaguarda dos Clubes Sociais Negros do Brasil. In: SOARES, A. L. R. (org.). Anais do I Congresso Nacional Memória e Etnicidade, *Casa Aberta Editora*, Itajaí, 2010. ISSN: 21784981

GIACOMINI, S. A Alma da Festa: Família, etnicidade e projetos num clube social da Zona Norte do Rio de Janeiro. O Renascença Clube. Belo Horizonte: *Editora UFMG*; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2006.

GILROY, P. O Atlântico Negro. São Paulo: *Editora 34*. Rio de Janeiro. 2012

GOMES, A. O Primeiro Congresso Nacional do Negro e a sua importância para a integração social dos negros brasileiros e a ascensão material da Sociedade Floresta Aurora. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais* Ano I - Número I - Julho de 2009. ISSN: 2175-3423

GONCALVES, L.; SILVA, P. Movimento negro e educação. *Revista Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro, n. 15, p. 134-158, Dec. 2000.

GUSMÃO, N. M.; SIMSON, O. R. M. A criação cultural na diáspora e o exercício da resistência inteligente. In.: Ciências Sociais Hoje, 1989. *Anuário de Antropologia, Política e Sociologia*. S. Paulo, Vértice/ANPOCS, 1989.

HALL, S. Pensando a Diáspora: reflexões sobre a terra no exterior; Da diáspora: identidades e mediações culturais. Tradução Adelaine La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: *Editora UFMG*, 2006, p.25-48.

\_\_\_\_\_. A Relevância de Gramsci para o estudo de raça e etnia. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Tradução Adelaine La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: *Editora UFMG*, 2006, p. 227-315.

HALBWACHS, M. A memória coletiva. São Paulo: *Centauro*. 2003



HERMANN, D. *Tempo de carnaval no cotidiano dos Clubes Tabajara e Mocidade: etnografia das memórias dos habitantes negros de Encruzilhada do Sul*. 2011. 115f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Pós-Graduação em Antropologia Social. Porto Alegre, 2011.

JESUS, N. *Clubes sociais negros em Porto-Alegre-RS: a análise do processo de recrutamento para a direção das associações Satélite Prontidão e Floresta Aurora, trajetórias e a questão da identidade racial*. 2005. Dissertação (Mestrado em Sociologia) 10f. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Porto Alegre, 2005.

PEREIRA, V. O. Capoeira e escola: pensando os sentidos de patrimônio e cultura afro-brasileira no programa mais educação. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, [S. l.], v. 9, n. 21, p. 109–122, 2017. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/230>. Acesso em: 12 mar. 2024.

PEREIRA, V. O. Cultura afro-brasileira, educação e patrimônio: um olhar sobre a proposta do programa mais educação para introdução da capoeira no espaço escolar. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, [S. l.], v. 8, n. 18, p. 392–412, 2016. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/58>. Acesso em: 12 mar. 2024.

SANCI-ROCA, Roger. De armas do fetichismo a patrimônio cultural: as transformações do valor museográfico do Candomblé em Salvador da Bahia no século XX. In.: *Museus, coleções e patrimônio: narrativas polifônicas*. Org. Regina Abreu, Mário de Souza Chagas. Myrian Sepúlveda dos Santos- Rio de Janeiro: *Garamond*, Minc/IPHAN/DEMU, 2007.

ROLNIK, R. Territórios Negros nas Cidades Brasileiras (etnidade e cidade em São Paulo e Rio de Janeiro). *Revista de Estudos Afro-Asiáticos* 17-CEAA, Universidade Cândido Mendes, Setembro 1998.

SILVA, F. *Os Negros, a constituição de espaços para os seus e o entrelaçamento desses espaços: associações e identidades negras em Pelotas (1820-1943)*. 2011. 228f. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pós-graduação em História. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2011, Porto Alegre.

SILVA, M. Encontro na Encruzilhada: Literatura Negra e Sociologia do Negro. A descoberta do insólito: literatura negra e literatura periférica no Brasil (1969-2000). Rio de Janeiro, *Aeroplano*, 2013, p. 168-248

\_\_\_\_\_. O povo e a cena histórica: quarto de Despejo e a Integração do Negro na Sociedade de Classes (1960- 1964). A descoberta do insólito: literatura negra e literatura periférica no Brasil (1969-2000). Rio de Janeiro, *Aeroplano*, 2013, p. 330-403.

SILVÉRIO, V. R.; DOS SANTOS, H. E.; OLIVEIRA DA COSTA, F. Racismo acadêmico e formação das ciências sociais na américa: w.e.b. du bois e a interseccionalidade entre ciência e política. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, [S. l.], v. 12, n. 32, p. 333–366, 2020. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/891>. Acesso em: 12 mar. 2024.



SOUSA, Karina Almeida de. *Corpo, Transnacionalismo negro e as políticas de patrimonialização: as práticas expressivas culturais negras e o circuito afrodiaspórico*. 2020. 301 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal de São Carlos, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, São Carlos, 2020.

VELHO, Gilberto. Patrimônio, Negociação e Conflito. *MANA* 12(1): 237-248, 2006

VELOSO, Mariza. O fetiche do patrimônio. In.: *Museus, coleções e patrimônio: narrativas polifônicas*. Org. Regina Abreu, Mário de Souza Chagas. Myrian Sepúlveda dos Santos- Rio de Janeiro: *Garamond*, Minc/IPHAN/DEMU, 2007.

*Recebido em: 21.04.2024*

*Aprovado em: 21.05.2024*